



A Celso Pinheiro Filho

Pái, socialmente somos bastante diferentes. Você traça em seus versos retalhos de retratos da miséria humana, mas não mostra o caminho para sair desta miséria. Pelo contrario, elogia-a. Eu procuro o caminho para sair dela. Você faz o elogio da dôr, eu detesto-a. Trabalharei para a sua expulsão da terra. A dôr é oriunda da miséria, e esta ha de se acabar. Mas, apesar de seu subjectivismo, seus versos são profundamente humanos e sociais. Retratam sombras de um passado mesclado com pedaços de um presente, ambos de descalabros. Não repare de eu insistir nêstes assuntos. Estou tão só! Consigo pouco me desãbafar...

Celso Pinheiro Filho

A minha alma está cheia de tristeza até á morte.

(Palavras de Cristo)

Vê como a Dôr te transcendentaliza !

Cruz e Sousa

Eu sou o Vagabundo, o Desherdado . . .

Antéro do Quental.

*Rio, inocente, ao sol, como uma rosa,
Ainda arquitêto mundos sôbre a areia,
Anoiteço em miragem luminosa . . .*

Bilac

Bem dita seja a minha Dôr ! Bem dito
Seja o punho de amor do Sentimento
Que me préga na cruz do Pensamento,
Com marteladas sêcas do Infinito . . .

Bem dito seja o Passaro Maldito
Do meu Ser, no seu rude isolamento,
Amando a catedral do Sofrimento
Na mudez eloquente do granito . . .

Dá-me a beber mais trágicos venenos,
O' jardineira pálida e formosa
Do jardim tenebroso do meu Fado ! . . .

Pois que bem dito é quem possui ao menos,
Entre tanta inconsciência dolorosa,
A consciência de ser um Desgraçado ! . . .

Sôb as pontes da Dôr, pelos dormentes
Da minha interminavel Desventura,
No travesseiro de uma noite escura,
Medito nas tragédias e accidentes. . .

Antéro do Quental, de aureas correntes
Filosóficas, cheias de tortura,
Dá-me o braço no lôdo da Amargura,
Ante o fuzil de dúvidas horrentes. . .

• Vezes pisando os hispídos abrolhos,
As mãos levanto para os céus distantes,
A cratera das Lagrimas nos olhos. . .

E os céus, no enigma eterno de um tormento,
Em vão me deixam, claros e radiantes,
Sôb a faixa de luz do Pensamento ! . . .

Por que te não seguir, se nunca o esquecimento
Ha de um dia levar esta afeição radiosa,
Busque eu outro perfume, inebrie-me outra rosa,
Aponte-me outro sol no curvo firmamento ?...

Por que te não seguir, se alegria e tormento,
— Duas asas de luz de uma ave misteriosa,
Trepidam no teu ser e ardem na nebulosa
Da tua carne em flôr e etéreo sentimento ?...

Por que me não opôr á renúncia cobarde,
Que me quer conduzir aos infernos do Vinho,
Deixando me, a gemer, sob a cinza da tarde ?...

Mau grado o teu desdém e tudo que fizeres,
Sem ti, sem teu amor, eu morrerei sósinho,
— Orfeu estrangulado ás mãos de outras mulheres !...

Sôbre a caixa de fósforos do Sonho,
Num ténue fumo de Melancolia,
O cigarro da minha Fantasia,
Displicente, fraquíssimo, deponho . . .

Empós, medito . . . E lânguido e tristonho,
O fuso da minh'alma fia . . . fia . . .
Sabe-me a bôca a sarro de Ironia,
O meu destino bárbaro e medonho ! . . .

A vida . . . Fí-la arder, constantemente,
A' châma encantadora do Lirismo,
Em grâmas de tabaco flavescente . . .

E porque fumei muito, na verdade,
Do fumo da Ilusão, meu organismo
E' a propria nicotina da Saudade ! . . .